

Da representação iconográfica dos atributos divinos – A propósito de IRCP 58

José d’Encarnação

Da representação iconográfica dos atributos divinos – A propósito de IRCP 58

José d'Encarnação

Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património-Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

RESUMO

Por a divindade ou as divindades homenageadas virem identificadas por meio de siglas, tem esta ara suscitado, mais do que é habitual em qualquer monumento epigráfico, a curiosidade dos especialistas; contudo, além desse enigma, já bastante debatido, interessa chamar a atenção para o facto de, pela sua decoração, estarmos perante um monumento único no mundo romano!

Palavras-chave: Diana, *Silvanus*, *arcus*, *pharetra*

ABSTRACT

In this altar the divinities' names were identified by one single letter. It's an enigma! But this monument is indeed a singular example in the Roman epigraphic world, because it presents a very exceptional decoration: an *arcus* and a *pharetra*!

Key-words: Diana, *Silvanus*, *arcus*, *pharetra*

A(s) divindade(s) e o dedicante (fig. 1).

Não é minha intenção voltar a debruçar-me sobre uma questão que, na verdade, não tem uma solução peremptória: que significam as siglas? *D(ianae)? D(eae)? D(eo)? S(ancto)? S(anctae)? S(ilvano)?, S(ilvestri)?*¹

Qualquer das hipóteses terá os seus defensores, cada qual com adequados argumentos. Importa é salientar, desde já, que se está perante um monumento único no mundo romano, pelo que se teve oportunidade de verificar.

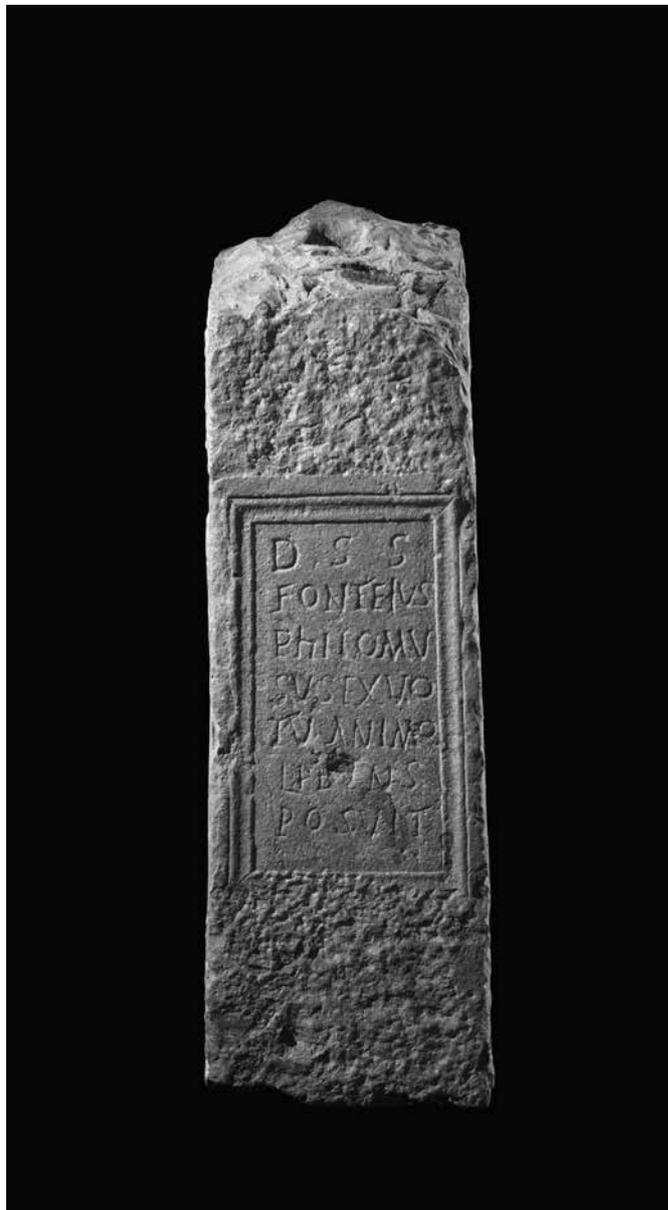


Figura 1. IRCP 58

¹ Ivan di Stefano aludiu à possibilidade *d(omino) S(ilvano) s(ancto)*, proposta para a inscrição de Roma *CIL VI 669*; mas acrescenta que deve ser também excluída neste caso.

A hipótese de reconstituir *S(ilvano)* afigura-se, em todo o caso, menos plausível, porque esta divindade assumiu, na mitologia, um carácter predominante de protector das florestas, da agricultura, onde se não justifica o uso do arco e da flecha.²

Tanto a uma divindade como a outra não foi, na Lusitânia, lavrado significativo número de epígrafes (IRCP p. 791). No caso de Diana, identificou-se, em 2017, o sexto testemunho desse culto no território nacional (Leitão 2017), a confirmar que se trata de devoção de áreas bem integradas no mundo cultural romano.³ Aproveite-se o ensejo para recordar que os templos romanos de Évora e de Mérida foram injustificadamente ditos «de Diana»: são, como se sabe, templos dedicados à Tríade Capitolina, a que se associou o chamado «culto ao imperador».

Também se não afigura produtora historiadora agora o que se tem escrito a propósito deste monumento epigráfico identificado em reutilização na torre da igreja matriz de S. Clemente. Dado a conhecer pela primeira vez em 1889, está guardado actualmente no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, para onde foi quando a ingenuidade de Estácio da Veiga sonhou em ter, na capital do Império, um «Museu do Algarve», o que não seria nada de mais se nos lembrarmos que ainda então ecoavam os títulos de «rei de Portugal e dos Algarves»... Interessará, porém, na medida em que ora de novos dados se dispõe acerca das ocorrências onomásticas, acrescentar alguns dados a propósito de *Fonteius Philomusus*, o dedicante.

Foi, sem dúvida, um antigo escravo, ora liberto, da família *Fonteia*, no seio da qual lhe fora dado um nome tipicamente

grego, *Philomusus* (φιλόμουσοσ), cujo significado etimológico é deveras sugestivo: «o que ama as musas», «cultivado». Uma prova, se outras não houvessem, de que os romanos que viveram em terras hoje louletanas gozavam de um estatuto cultural não despreciando.

Aliás, da consulta à mais completa base de dados epigráficos da Hispânia resulta que, neste momento da investigação, há apenas mais cinco testemunhos deste antropónimo registados na Península Ibérica: identifica dois libertos na região de Córdova (HEPOL nºs 3548 e 4102); mais um liberto na cidade de Calatayud, Zaragoza (HEPOL nº 8855); uma possível *Philomusia* em Cartagena (HEPOL nº 16 206); o *L. Iulius Philomusus* referido em Évora poderá ter tido acção pública de relevo (IRCP 384). Não referenciado nessa base de dados, registre-se ainda o grampo de chumbo, descoberto em Ampúrias, onde há a possibilidade de estar gravado o nome *Philomusus*, datável do século I a. C. (IRC V, p. 197-198, nº 152). Por seu turno, na base de dados EDCS, são apenas 169 os testemunhos, encontrados até hoje, de pessoas que foram, no tempo dos Romanos, identificadas com esse nome, a maior parte delas em Roma: 107, das quais 67 escravos ou libertos (Solin 1982, p. 163-164). E, já agora, não será despropositado verificar o que se sabe acerca da ocorrência do nome de família, *Fonteius*, no mundo romano. Lógico: não se presume que todos os *Fontei* sejam da mesma família, como, hoje, serão inúmeros os Mascarenhas espalhados por Portugal e pelo mundo que não têm qualquer relação familiar, mesmo longínqua; mas a utilização do *nomen* pode ter algum significado, caso seja frequente ou rara, como a ocorrência do apelido Mascarenhas na Índia tem, para nós, significado. Ora, recorrendo às duas bases de dados de que ora dispomos, diremos que, no mundo romano, há 301 registos epigráficos da base *Fontei-* (que inclui também o *cognomen Fonteianus*); na Hispânia, no entanto, para além dos dois altares de Loulé, temos somente 12 outros testemunhos, dos quais apenas um na Lusitânia, em Trujillo (Cáceres), numa dedicatória a Júpiter, actualmente perdida e, de resto, bastante enigmática na sua onomástica, pois nesse *Fonteius* se reconstitui o **n** (Esteban 2012, nº 717, p. 221-222).

Este rápido excursão pela onomástica permite-nos realçar o carácter ímpar do monumento.

2 Juan Manuel Abascal referiu-me, no entanto, CIL III 13 368, que está dedicada a Diana e a *Silvanus Silvester*. A epígrafe foi encontrada na parte velha de Buda (da cidade de Budapeste), que pertenceu à Panónia romana; dedicada por um sacerdote, identifica *Diana* e *Sil(vanus) Silvester* como deuses que presidem às caçadas: «dis presidibus venation(ibus)». Também Attilio Mastino me informou do seguinte: «In età traiana il governatore C. Ulpius Severus pone una dedica a Silvano e alla dea Diana, numi tutelari del *nemus Sorabense* (L. Gasperini, *L'Africa romana* IX, pp. 574-577), bosco sacro di Sorabile, presso l'attuale Fonni, 1000 m di altitudine».

3 Coube a Ana María Vázquez Hoys a tarefa de, na obra citada na bibliografia, apresentar mui circunstanciada síntese acerca do que então se conhecia do culto a Diana na Hispânia: as inscrições, a decoração nas lucernas, as esculturas... Refere a ara, então inédita, que viria a ser publicada por Manuel Leitão (2017), embora a dê como proveniente de Aldeia do Bispo (p. 120, fig. 16) e tenha interpretado *Serena* o *cognomen* da dedicante (onde M. Leitão leu [T]erpne). O monumento que nos ocupa é aí a inscrição 40.2 (p. 78-80).

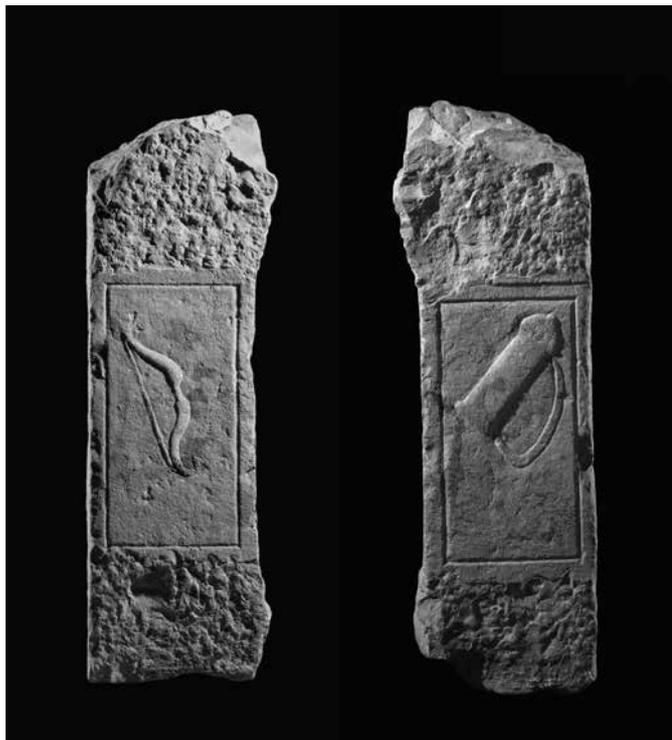


Figura 2. Arco

Figura 3. Aljava



Fig. 247. Amazonas.

Figura 4. Amazonas - Fig. 247 do DA

A singularidade da decoração

Na sequência do que se observou, a representação iconográfica patente, em baixo-relevo, no altar IRCP 58 – o arco (*arcus*), na face lateral esquerda, e a aljava (*pharetra*), na direita (fig. 2 e 3) – merece-nos a maior atenção.

Ambos insertos num rectângulo de moldura, o arco está no sentido da diagonal, da esquerda para a direita e mede 22 cm de comprimento; praticamente na metade superior do rectângulo da direita, a aljava é cilíndrica, tem 17,5 cm de altura, decoração linear, tampa (*operculum*) redonda com *umbo* e alça pendente. Remeti essas representações, em 1984 (IRCP p. 104, nota 1) para formas semelhantes que encontrara no DA. Assim, no artigo «Amazones» (p. 221-223), da autoria de E. Vinet, a fig. 247 (Fig. 4) reproduz a pintura de um vaso, em que a amazona usa o arco e tem a aljava à cintura, pendente do seu lado esquerdo.

É longo, nesse clássico dicionário, o artigo «Diana», de Pierre Paris (p. 130-157), porque dá grande importância à Ártemis, donde derivou a Diana

romana, à qual só se dedica a partir da p. 154. Anota (p. 156-157) que, entre os Romanos, no campo das manifestações artísticas, é a Diana caçadora que surge em primeiro plano, em traje de amazona, como a haviam concebido os escultores gregos (Escopas, Praxíteles e Timóteo), caracterizada pelas suas armas, o arco e a aljava, acompanhada por um cão ou pela lendária cervo. Essa poderá ser, de resto, a imagem que mais rapidamente nos surge à mente, tendo em conta a bem conhecida «Diana de Versalhes», que se mostra no Museu do Louvre, cópia romana do original, de bronze, atribuído a Leocares, escultor grego da 2ª metade do século IV a. C.

C. de la Berge assina aí o artigo «Pharetra». Anota que a aljava «é, juntamente com o arco, o atributo de Apolo e de Diana, de Hércules, do Amor, de Filoctetes, de Páris, etc.» e que, nas pinturas dos vasos, são amiúde as amazonas que o levam, como atrás se disse. Aproveita para informar que se trata de um estojo de madeira leve, de couro ou de metal, redondo ou quadrado mais ou menos aplanado; a abertura pode não ser fechada ou ter uma tampa (*operculum*) ou

estar tapada por uma pele solta, por vezes bastante grande de forma a poder cobri-la por completo. A aljava – explicita ainda – pendia habitualmente por detrás do ombro direito, de modo que as flechas estivessem ao alcance da mão que segurava o arco.

Por mera curiosidade, poder-se-á apontar que, nos monumentos epigráficos romanos, a palavra *pharetra*, «aljava», só se regista em dois poemas de Roma (CIL VI 21 521 e 36 658). Na literatura latina, surge em descrições de personagens que a trazem e, nos poemas, mormente em contexto amoroso. Poderá citar-se, a título de exemplo, a seguinte passagem da *Ars Amatoria*, de Ovídio (3, 9, 7): «Ecce puer Veneris fert eversamque pharetram et fractos arcus et sine luce facem», «Eis que o jovem traz de Vénus a aljava virada, as flechas partidas e o facho sem luz».

Voltando à decoração do altar de Loulé, solicitei a diversos colegas que me informassem se já haviam encontrado algo de semelhante. Agradeço a prontidão com que acederam ao meu pedido. Dentre os depoimentos que me chegaram, permita-se-me que refira os seguintes:

Respondeu-me Juan Manuel Abascal, da Universidade de Alicante, sem hesitar:

«No he visto nada parecido a IRCP 58, que es un caso excepcional. [...] Es una maravilla».

Ivan di Stefano, de Roma, sublinhou:

«Certamente al lettore antico la soluzione delle abbreviature era offerta, come scrivi, dal contesto templare. I rilievi di arco e faretra scolpiti separatamente (caso unico, forse) richiamano forse

meglio *Diana* che *Silvanus*, pur essendo entrambe divinità silvestri, dunque accomunate da un identico *habitat* tradizionale».

Attilio Mastino, de Sassari (Sardenha), confessou nada ter visto, até agora, de tão clássico e original.

Michel Feugère (CNRS – Lyon):

«Ce sont des documents très intéressants, mais je regrette de ne pas pouvoir vous aider à trouver des parallèles, car je ne les ai pas notés. Une partie des images de ce type doivent se trouver dans les articles sur l'arc romain».

Em síntese: merece este monumento um lugar de destaque não apenas no âmbito dos testemunhos epigráficos romanos peninsulares mas também, como se viu, de todo o mundo romano.

O enorme cuidado posto pelo canteiro quando esculpiu o arco e a aljava, copiando à perfeição os modelos clássicos a que tivera acesso fazem deste altar um símbolo e um extraordinário documento do elevado nível cultural de quem o mandou gravar.

Perguntar-se-á se terá sido epígrafe trazida de fora; não o justifica o facto de estarmos perante o calcário biogénico local. Trata-se mesmo de obra destinada a figurar num lugar de culto, público ou privado, a perpetuar uma devoção individual.

E se optamos claramente por uma dedicatória a Diana, continua a ser enigma o nome da divindade que estaria no sítio, onde, na outra ara semelhante, achada no Sítio da Retorta, Boliqueime (IRCP 59), um pintor, preferiu, um dia, mandar gravar HIC ALPHONSVS, a fim de perpetuar a sepultura do filho!

Bibliografia

DA = DAREMBERG (Charles) et SAGLIO (Edmond), *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Graz, 1969 (reedição). Acessível em: <http://dagr.univ-tlse2.fr/sdx/dagr/index.xsp>

EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby: <http://www.manfredclaus.de/gb/>

ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres. II. Turgalium*, Cáceres, 2012.

HEpOL = versão *on line* de *Hispania Epigraphica*, acessível em <http://eda-bea.es/>

IRC V = FABRE (Georges), MAYER (Marc) et RODÀ (Isabel), *Inscriptions Romaines de Catalogne – V. Suppléments aux Volumes I-IV et Instrumentum Inscriptum*, Paris, 2002.

IRCP = ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis — Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra, 1984. [O número indica o número da inscrição no catálogo]. 2ª edição acessível em <http://hdl.handle.net/10316/578>.

LEITÃO (Manuel), «Ara a Diana de Aldeia de João Pires (Penamacor)», *Ficheiro Epigráfico* 144, 2017, inscrição nº 590.

SOLIN (Heikki), *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin-Nova Iorque, 1982.

VÁZQUEZ HOYS (Ana María), *Diana en la Religiosidad Hispanorromana. I. (Las fuentes. Las diferentes diosas)*. Madrid, 1995.